

Redes sociotécnicas e inovação

uma experiência aplicada no lançamento da pedra fundamental da nova sede do ICI-UFBA

Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva
Adriana Cox Hollós

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, RRG., and HALLÓS, AC. Redes sociotécnicas e inovação: uma experiência aplicada no lançamento da pedra fundamental da nova sede do ICI-UFBA. In: SILVA, RRG., org. *Preservação documental: uma mensagem para o futuro* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 107-122. ISBN 978-85-232-1221-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

REDES SOCIOTÉCNICAS E INOVAÇÃO

UMA EXPERIÊNCIA APLICADA NO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA NOVA SEDE DO ICI-UFBA

*Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva*¹

*Adriana Cox Hollós*²

INTRODUÇÃO

Pedra fundamental é o nome que se dá à cerimônia de colocação da primeira pedra ou bloco de alvenaria acima da fundação de uma nova construção. Seu simbolismo tem origem celta e maçônica e a tradição prevê a deposição sob o solo de uma cápsula do tempo contendo diversos documentos, como uma Ata com o nome das pessoas presentes e lembranças do dia, um jornal ou moedas e a planta arquitetônica do prédio.

Com base nessa tradição, o Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI-UFBA), por meio de sua Diretoria³,

- 1 Professor Adjunto IV; diretor do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI-UFBA); docente do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-ICI). Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), em convênio com o Departamento de Ensino e Pesquisa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (DEP-IBICT).
- 2 Conservadora; museóloga; Assessora Técnica do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) / Arquivo Nacional; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação por meio do convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no âmbito da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC).
- 3 À época exercida pela profa. Dra. Lídia Brandão Toutain (diretora) e pelo prof. Dr. Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (vice-diretor).

propiciou que um grupo de profissionais e pesquisadores atuantes no campo da preservação documental constituíssem uma rede socio-técnica a fim de discutir a confecção dessa cápsula do tempo com qualidade de preservação, adotando de modo efetivo os conceitos de redes sociotécnicas e interação. Baseados em autores como Albagli e Maciel (2011), Corsini (2010), González de Gómez (2002) e Marteleto (2007), procuramos, nesse capítulo, refletir e descrever sobre o processo de interação e entendimento alcançado entre os especialistas, relativos aos materiais utilizados na experiência.

REDES SOCIOTÉCNICAS

Em seu artigo *Informação, rede e redes sociais – fundamentos e transversalidades*, Marteleto (2007, p. 6) se utiliza de Barel e Cauquelin, presentes no *Dictionnaire critique de la communication* (1993), para destacar o caráter onipresente do conceito de rede nos mais variados campos das disciplinas científicas e defini-lo como: “[...] ao mesmo tempo uma técnica do espírito e de arranjo do território: modo de pensamento e de esquadrejamento, estabelece elo entre dois lugares, sejam eles inscritos em processos conceituais ou em espaço material [...]”.

Tal definição foi útil à compreensão do papel desempenhado por uma rede sociotécnica estabelecida entre os especialistas da área da preservação documental que se puseram de acordo para definirem juntos os parâmetros relativos aos materiais utilizados na cápsula do tempo.

Neste sentido, buscou-se também apoio no trabalho de González de Gómez (2002), em articulação com autores como Albagli e Maciel (2011), Castells (2000), Cocco, Silva e Galvão (2003) e Corsini (2010), para a compreensão e problematização da dinâmica complexa dos processos políticos e cognitivos, presentes no mundo contemporâneo, quando as redes sociotécnicas assumem um papel fundamental.

A sociedade contemporânea, ao instaurar uma nova forma de diálogo mediada por novas formas de comunicação, promove “[...] mudanças significativas nas dinâmicas de produção, circulação e apropriação da informação e do conhecimento” (ALBAGLI; MACIEL, 2011, p. 9), contribuindo ainda mais à ubiquidade da informação, que se redefine em novos espaços sociais e concebe um novo “regime de informação”, entendido por González de Gómez (2002, p. 34) como “um conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios [...]”.

Compreende-se que a demarcação desse espaço social, representado na troca de e-mails estabelecida pelos especialistas, pôde tornar-se um “território qualificante” que, de acordo com Corsini (2010), convoca os novos sujeitos e torna ativa a cooperação. Esta autora permitiu perceber que os elementos imateriais a que ela se refere – comunicação, linguagens, afetos, cooperação, difusão e circulação – estiveram presentes e se constituíram como essenciais ao processo de definição dos parâmetros científicos de conservação da cápsula ao longo do tempo.

Por outro lado, refletir sobre tal processo implica em uma aproximação com algumas das questões pensadas por Cocco, Silva e Galvão (2003), quando abordam as mudanças econômicas, tecnológicas, sociais e culturais que acompanham o amplo uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e a produção de um elemento comum que evidencia mudanças nas relações de mundo: o novo. Ao se perguntarem sobre como o novo é produzido, afirmam que o “conhecimento traduzir-se-ia em inovação, sempre e quando houvesse condições para sua circulação e implementação na produção” (COCCO; SILVA; GALVÃO, 2003, p. 11), inferindo-se daí a questão que se busca destacar: inovação é interação, é cooperação. Ela só é possível quando posta em movimento. “O conhecimento *per se* não pode explicar o novo”. (COCCO; SILVA; GALVÃO, 2003) O sujeito que inova en-

contra-se, pois, em caminho, na prática da produção do fato científico, mesmo que, no caso específico da Pedra Fundamental do ICI, não possua as características econômicas enfatizadas por Cocco, Silva e Galvão (2003), e que não interessa ao que está aqui sendo tratado.

Alguns trabalhos acadêmicos reconhecem que certas inovações ocorrem bem distantes dos laboratórios de pesquisa. (COCCO; SILVA; GALVÃO, 2003); MARTELETO, 2007) Seu surgimento não é “o resultado de uma decisão racional tomada por um espírito livre [...] Sua solidez é composta, da mesma forma que os compostos químicos, pelas redes que ele mobiliza e pelos elementos que estas associam”. (CALLON, 1989 apud MARTELETO, 2007, p. 12)

A rede é que dá forma à “potência criativa da cooperação” (COCCO; SILVA; GALVÃO, 2003, p. 23) e torna possível sua horizontalidade, sem hierarquias. Os sujeitos, por sua vez, se utilizam e incorporam as TIC, estando claro que “[...] a tecnologia não determina a sociedade, uma vez que muitos fatores, como criatividade e iniciativa empreendedora intervêm nos processos de inovação e aplicações sociais, de forma que o resultado dependa de um complexo padrão interativo”. (CASTELLS, 2000, p. 43)

A experiência inovadora baseada no uso de redes sociotécnicas para a conectividade e interação entre especialistas da área da preservação documental permitiu refletir sobre a aplicabilidade dessas questões teórico-conceituais que buscamos, entre outras coisas, perceber como se constrói o conhecimento nos dias atuais.

Para torná-la mais próxima, compartilha-se a seguir a dinâmica de interação estabelecida em rede para a definição de padrões de conservação da cápsula do tempo do ICI-UFBA.

O RELATO DA EXPERIÊNCIA

Nos últimos meses do ano de 2009, a Diretoria do ICI-UFBA, sob a gestão de profa. Dra. Lídia Toutain (2006-2010), idealizou cerimônia de lançamento de uma Pedra Fundamental para o início das obras de

construção do novo prédio do ICI, aprovadas pelo Conselho Universitário (CONSUNI), com recursos da UFBA e do Decreto Presidencial nº 6096, de 24 de abril de 2007 (BRASIL, 2007), de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais do Brasil (REUNI).

Por sugestão original de profa. Lídia Toutain, durante a cerimônia, um receptáculo contendo cópias de importantes documentos representativos do momento do ICI e da UFBA, no que se refere às obras e à expansão da Universidade, seria preservado para a posteridade no local onde se instalaria a placa comemorativa de lançamento da Pedra Fundamental.

A aproximadamente um mês do lançamento da Pedra Fundamental, com o objetivo de adotar as mais precisas orientações técnico-científicas nos procedimentos para a longa permanência destas cópias de documentos, o Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais (CRIDI/UFBA/CNPq), liderado pelos autores deste capítulo, decidiu, em meados de março de 2010, por constituir uma rede remota, por sugestão da co-autora, com a participação de profissionais e pesquisadores do campo da preservação documental e patrimonial da humanidade, composto por conservadores, químicos, engenheiros, docentes, museólogos, restauradores, técnicos, arquivistas, provenientes do Arquivo Nacional, do Conselho Nacional de Arquivos, da Universidade Federal da Santa Catarina, da Universidade Federal de Pernambuco, do Arquivo Público do Estado da Bahia, do Museu Nacional, do ICI-UFBA, além de José Luiz Pedersoli Júnior, cientista da conservação, então recém chegado ao Brasil, após anos atuando internacionalmente no Instituto Holandês do Patrimônio Cultural (1997-2003), com sede em Amsterdã, e no Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração do Patrimônio Cultural (2005-2008), sediado em Roma (ICCROM, em sua sigla em inglês).⁴ Complementarmente, especialistas destas duas instituições

4 Nosso especial agradecimento a José Pedersoli, pela generosidade em atender nosso pedido de colaboração, mesmo com a agenda complexa de seu cotidiano profissional. À época, Pedersoli registrou, na troca de mensagens, que sua participação, suas “primeiras reações”,

estrangeiras poderiam vir a ser consultados por Pedersoli sobre alguns dos aspectos da operação, como de fato aconteceu com relação à permanência de tintas *inkjet* e laser, com o intuito de estabelecer os critérios para se colocar sob o solo, para a posteridade, um receptáculo, uma cápsula do tempo, contendo cópias de documentos.

As plantas arquitetônicas do futuro prédio foram examinadas previamente, incluindo as relativas ao terreno, para nos certificarmos sobre os eventuais lençóis freáticos do solo e decidirmos onde ficaria o receptáculo. Esta foi das tarefas mais difíceis de serem decididas e realizadas, devido ao futuro movimento de veículos pesados e equipamentos bate-estacas presentes na área durante todo o período da obra, colocando em risco o local do pedestal da placa comemorativa e o próprio receptáculo contendo os documentos.

Durante a idealização do receptáculo, inicialmente cogitou-se sobre a adoção de um cilindro de aço, com roscas duplas especiais para vácuo, fechadas com vedantes, para evitar soldas, que pudesse ser hermeticamente fechado, mas o tempo e os recursos financeiros de que dispúnhamos não condiziam com a execução deste procedimento para a geração desse produto. Além disso, cogitamos sobre as forças e tensões que poderiam vir a danificar os documentos, em função de curvaturas a que seriam submetidos se enrolados (encaçoamento).

Desseccantes do tipo pastilhas/sachês de sílica, compostas por li-malha de ferro ou por peneiras moleculares que absorvem o oxigênio, transformando-o em óxido de ferro ou deixando-o retido por absorção, também foram pensados para a redundância na criação de uma atmosfera inerte. Neste sentido, o debate trouxe aspectos ainda mais sofisticados, como a possibilidade do acondicionamento das cópias dos documentos “a vácuo”, pré-condicionados a baixa umidade relativa, e com filme impermeável ao oxigênio e ao vapor de água: os documentos embalados no filme seriam, então, acondicionados dentro do

seriam preliminares e breves, já que, considerando o exíguo prazo de que dispúnhamos para cumprir o que queríamos, não havia muito tempo para a pesquisa nem para a elaboração.

receptáculo de aço, e essa combinação de invólucros forneceria uma barreira suficiente aos principais agentes de deterioração para o caso: água, pestes, vapor de água, oxigênio, contaminantes, luz, fogo. Outra variável do debate era a da temperatura no local onde os documentos seriam armazenados, já que temperaturas elevadas aceleram as reações químicas. Entendemos que a temperatura da região, sob o solo, à profundidade em que estaria o receptáculo, permaneceria estável, em torno de 23°C a 27°C.

Decidiu-se, então, pela fabricação de um receptáculo poliédrico retangular, com tampa de dobradiças fechada por encaixe muito justo, moldada quase integralmente por dobras, com um mínimo de solda, em aço ANSI 304 (utilizado na fabricação de válvulas de tanques em vários ramos da indústria química), de 8mm de espessura, que foi colocado no solo, entre 1,5 e 2 metros de profundidade, abaixo do pedestal que comporta a placa de lançamento da Pedra Fundamental. As dobradiças foram adotadas com a percepção de serem um fator de risco, de fragilidade, sem dúvida, mas que seria reduzido, ou eliminado, pelo uso de selamento de parafina. Entendemos, então, que ao enfrentarmos dificuldades de adoção dos procedimentos ideais, o receptáculo poderia vir a ser a principal barreira contra agentes gasosos, desde que vedado da melhor forma ao nosso alcance. Assim, após serem colocados os documentos no interior do receptáculo de aço, encapsulados em filme-plástico especial do tipo *Escal* (transparente, próprio para museus, produzido pela Mitsubishi, que deve ser selado a quente, preferencialmente com seladora elétrica), o receptáculo foi selado com parafina, de forma a proteger seu ambiente interno.

Debatemos também sobre a alternativa de revestimento do receptáculo com fibra de vidro. Pelo fato de ser um material constituído de produtos inorgânicos a base de silicatos e fosfatos de metais alcalinos, alcalinos terrosos e alumínio e, portanto, insolúvel em água, essa poderia ser uma boa alternativa. No entanto, concluímos que o contato com a umidade ambiental por muito tempo, a envoltura do receptáculo com fibra de vidro poderia gerar fraturas na selagem e

deixar a umidade penetrar no interior do receptáculo, deixando de fornecer a proteção esperada. O piche, derivado do petróleo, pastoso, sem o risco de sofrer fissuras, usado em impermeabilizações de solos, foi outra alternativa levantada como hipótese, por apresentar boa resistência à água. O calor gerado, entretanto, para o aquecimento do piche, em torno de 70°C, geraria um clima desaconselhável ao interior do receptáculo, submetendo não só o aço, mas especialmente os documentos, da mesma forma. Outros inconvenientes, devido ao fato do piche ser uma borra, produto do fundo da torre de destilação do petróleo, estão associados às características de composição do piche, mistura de hidrocarbonetos de alto peso molecular, que contém componentes que sublimam (passam do estado sólido para o estado de vapor), como antraceno, fenantreno e outros. Estes constituintes volatilizam e poderiam causar a dissolução da tinta de impressão dos documentos, a depender do tipo de tinta utilizado.

Optamos, então, finalmente, pela selagem com parafina. Não houve condições materiais e de cronograma para testarmos a hermeticidade do receptáculo. Entendemos que a selagem com parafina, uma mistura de hidrocarbonetos que não possui constituintes voláteis que podem reagir com as tintas, insolúvel em água, facilmente adquirida no comércio local, e o encapsulamento dos documentos em Escal apresentavam-se como a alternativa ao alcance, de boa qualidade, e que, inclusive, tornaria desnecessário o uso de dessecantes junto à documentação. No momento da deposição do receptáculo decidiu-se, emergencialmente, por apoiá-lo em ripas de madeira, de forma a não manter contato direto com o piso da caixa de concreto de paredes duplas, construída especialmente para a ocasião.

Dentro deste receptáculo de aço foram colocados os seguintes documentos, importantes elementos de memória do evento, do ICI e da UFBA:

- Projeto Universidade Nova;
- Ata do Conselho Universitário de 19 de outubro de 2007, onde consta a adesão da UFBA ao REUNI;

- Atas do Conselho Universitário de 19 de março de 2007, 28 de abril de 2008, 07 de maio de 2009 e 14 de maio de 2009, onde constam aspectos relativos ao Plano Diretor da UFBA;
- Resoluções do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE, referentes ao REUNI;
- Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares, desenvolvidos pela UFBA em 2008;
- Decreto nº 6096, de 24 de abril de 2007 (REUNI);
- Diretrizes Gerais do REUNI;
- Termo de Referência do Plano Diretor de Desenvolvimento Físico e Ambiental da UFBA;
- Plantas arquitetônicas do novo prédio do ICI;
- Especificações de Serviços e Materiais do ICI;
- Contrato celebrado entre a UFBA e a empresa vencedora da licitação para a obra;
- Plantas baixas dos *campi* Federação, Ondina e Canela;
- Listagem das empresas vencedoras das licitações para execução das obras do Plano Diretor;
- Listagem de servidores ativos do corpo docente e de técnicos-administrativos do ICI;
- Listagem dos profissionais, instituições e entidades que colaboraram no debate sobre os aspectos técnico-científicos de conservação dos documentos acondicionados no receptáculo depositado no subsolo, logo abaixo da Placa Comemorativa do lançamento da Pedra Fundamental.

Chegou-se a debater sobre a inclusão de versões dos documentos em suportes digitais, como discos óticos de diferentes tipos e fitas magnéticas do tipo *linear tape open* (LTO) e também em formato microfiche, já que seria uma interessante alusão aos diferentes suportes de conteúdos informacionais e suas respectivas permanências. Além disso, em longo prazo, “isso poderia servir também como um experimento científico comparativo de envelhecimento natural desses suportes e sua capacidade de reter e dar acesso à informação armaze-

nada”, conforme nos sugeriu Pedersoli. Mais uma vez, infelizmente, nossas limitações de tempo e de recursos financeiros nos impediram de realizar tais intenções.

Impedidos, pelos motivos já registrados, de utilizar um papel de trapo de algodão de boa qualidade, cuja permanência já está devidamente comprovada pela ótima condição do papel dos incunábulo de mais de quinhentos anos atrás, cogitamos em consultar especificações mais estritas, como a norma ISO 11108:1996 – *Information and documentation – Archival paper – Requirements for permanence and durability*, mas não tínhamos a certeza de que esse tipo de papel se encontrava comercialmente disponível a um custo ao nosso alcance, no prazo de que dispúnhamos.

Assim, a rede de especialistas entendeu que os documentos deveriam ser impressos em papéis especiais mais facilmente acessíveis no mercado do Brasil. Felizmente, na segunda semana de abril de 2010, a co-autora deste capítulo conseguiu o generoso apoio da Filiperson Indústria de Papéis Especiais Ltda, na forma de doação de 1200 folhas formato A4 e 400 folhas formato A3 de papel do tipo Filifold Documenta (de 85 g/m², gentilmente já cortados nestas dimensões pela indústria). Esse papel, fabricado com fibras de eucalipto, é o único produzido no Brasil com a chancela do Arquivo Nacional para serem utilizados no acondicionamento de acervos, caracterizando-o como suporte em papel de longa permanência. Além disso, foram doados pela Filiperson para o projeto 250 folhas de papel do tipo Filiset Neutro, em folhas no formato de 85 x 100 cm.⁵ Contamos também com 100 (cem) folhas do Papel Filiset Neutro (formato 68 x 100 cm, com 63 g/m²), produzidos pela mesma indústria, que nos foram emprestadas pelo Arquivo Público do Estado da Bahia (APB). Inicialmente o papel

5 Nossos agradecimentos ao Dr. Ricardo Tannuri, diretor da Filiperson Papéis Especiais, pela atenção imediata que nos foi dedicada, extensivos a Ingrid Spyker, analista de marketing da Filiperson, que intermediou toda a comunicação com a Direção da indústria. Além da participação no projeto, com a doação e corte dos papéis, a Filiperson arcou com todos os custos de envio dos produtos de menores dimensões, via Sedex, e também por transportadora, no caso dos produtos com maiores dimensões.

emprestado pelo APB foi cortado em formato A4 para serem impressos os documentos. Posteriormente, no entanto, após conversações com a Filiperson, decidiu-se pela impressão nos papéis Documenta, de maior permanência e adequação à impressão. Cinco dias depois iniciamos os contatos com o Cerimonial do Gabinete da Reitoria, para os encaminhamentos necessários à cerimônia de lançamento da Pedra Fundamental.

Sabe-se que uma tinta de qualidade arquivística deve resistir ao esmaecimento e deve permanecer bem fixada ao suporte (papel) por longo período de tempo, e que neste caso não se deveria adotar tintas do tipo *inkjet* a base de corantes. Há tintas *inkjet* pretas à base de pigmento de carbono, anunciadas como de qualidade arquivística, com permanência na faixa de 300 anos para armazenamento no escuro,⁶ mas seria necessário averiguar se essas tintas seriam adequadas para imprimir no papel que, na ocasião, iríamos selecionar, ainda desconhecido no momento deste processo decisório. As impressões a laser são feitas com pigmento à base de carbono, ou seja, são estáveis ao esmaecimento, mas teríamos que investir em mais pesquisa sobre suas características de capacidade de adesão ao papel que iríamos adotar, e o tempo transcorria, eliminando possibilidades de ação, ou nada poderia ser realizado.

Decidiu-se que a melhor tinta de impressão seria a proveniente de impressoras matriciais, considerando que a tinta de impressoras a laser é de alta qualidade, mas sua aderência ao papel é de menor duração, e que as tintas de impressoras a jato de tinta são extremamente frágeis à umidade. O impacto das cabeças das agulhas das impressoras matriciais por pontos no papel e a composição de carbono das fitas deste tipo de impressora, inertes ao papel, foram considerados os mais adequados para a permanência. A Divisão de Material da UFBA nos emprestou duas impressoras dessas que existiam, entre outras, já sem uso efetivo, nos depósitos da Divisão. Seis fitas usadas também

6 Confira, por exemplo, <<http://www.epson.com/pdf/epsonink.pdf>>.

nos foram emprestadas. Após higienização dos equipamentos e testes, certificamo-nos de que as impressoras funcionavam bem, mas as fitas estavam prejudicadas pela ação do tempo, levando o ICI a adquirir três novas fitas para o trabalho urgente de impressão. A pressão do impacto das agulhas no papel também foi aumentada, por meio de ajuste no equipamento.

Estes documentos impressos foram acondicionados no interior do receptáculo de aço após terem sido encapsulados em filme-plástico especial Escal, conforme já registramos, doado pelo Museu Nacional (UFRJ), utilizado para lidar com permanência de objetos museais mumificados e acondicionados em bolhas filmicas. É preciso registrar que o procedimento foi todo feito artesanalmente, à mão, utilizando-se a lâmina de aço de um canivete, aquecida na chama de um fogão a gás, para o selamento do plástico a quente, com resultados que não puderam ser avaliados tecnicamente, já que realizados na madrugada imediatamente anterior à realização do evento de lançamento da Pedra Fundamental. Essa decisão de selamento artesanal manual foi fruto de um incidente: o Museu Nacional, além de gentilmente doar dois pedaços de 1,80m x 1,00 m do filme Escal – a partir de um rolo que haviam recebido do Getty Institute, em apoio a um de seus projetos –, enviou-nos uma seladora específica para o procedimento, manual, de três fitas, que havia sido usada para a confecção de bolhas para as múmias egípcias do Museu, em 2004/2005; surpreendentemente para nós, da equipe, com o tempo esgotado, a seladora lamentavelmente se perdeu no percurso do Rio de Janeiro até Salvador, sendo, felizmente, encontrada dias depois de encerrado o evento. Com a colaboração inestimável de prof. Albano Oliveira (ICI-UFBA), todo o procedimento artesanal adotado seguiu instruções básicas que nos foram passadas pela saudosa profa. Franciza Toledo, do curso de museologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco.⁷ Profa. Franciza, com base em

7 A publicação desse livro é nossa homenagem à memória de Franciza, que nos deixou poucos meses depois de concluídos os trabalhos deste projeto.

experiência adquirida no trabalhos desenvolvidos em múmias do Museu Nacional, nos orientou a deixar a mínima quantidade de ar dentro da bolha/saco (sem necessidade de fazer a vácuo) e usar a seladora no nível médio. Com o sumiço da seladora, utilizamos outros procedimentos, absolutamente artesanais, conforme já registramos, com aço aquecido em chama de gás de cozinha, para fundir o plástico, por cinco a seis segundos de selagem. Após o selamento de alguns sacos produzidos desta forma, foram feitos testes colocando-se água em seu interior, por interessante sugestão de prof. Albano, e ficou-se a observar, por dois a três minutos, a resistência no filete do selamento, chegando a resultados de total retenção da água no interior do saco, sem vazamentos. **Eureka**, prof. Albano!

O receptáculo, já contendo os documentos envoltos e selados no filme, foi acondicionado, por sua vez, em uma caixa de alvenaria e concreto, construída localmente, a dois metros de profundidade, aproximadamente, abaixo da superfície do terreno de construção do prédio. Esta caixa de alvenaria e concreto foi produzida com parede dupla, distanciando de 3 e 5 cm entre uma parede e outra, e recebeu uma tampa de concreto, selada com argamassa. Finalizada esta operação, foi vertida e compactada areia por cima desta caixa já tampada com concreto. Por cima disso tudo foi colocada, próximo ao local, distando aproximadamente um metro, a placa de lançamento da Pedra Fundamental.

PARA CONCLUIR, AGRADECEMOS...

No final do mês de março de 2010 foi noticiado na imprensa o encontro de uma cápsula do tempo, de madeira, selada com cera, em meio aos escombros de uma igreja, durante os trabalhos de reconstrução de São Luiz do Piraitinga (SP). A cápsula do tempo, preparada provavelmente na década de 1920, havia sido enterrada durante uma reforma da igreja, destruída pela inundação que devastou a cidade

em janeiro de 2010. No interior da cápsula, documentos datados de 1927, fotos e cartazes, com suas características de época, estavam em ótimo estado, protegidos, inclusive, das inundações então ocorridas. Oitenta e quatro anos haviam se passado...

Recentemente, em 15 de março de 2011, o Colégio Antonio Vieira, na cidade do Salvador (BA), comemorou seus 100 anos de fundação com a abertura de uma cápsula do tempo depositada sob o solo, junto à pedra fundamental da atual sede do Colégio, em celebração realizada em 31 de julho de 1930, contendo a cópia da Ata de fundação do Colégio, além de moedas da época, medalhas de Santo Inácio de Loyola, um bilhete de bonde e um exemplar do jornal *Diário da Bahia*, daquela data. Esperou-se que 100 anos se passassem...

Agora um grupo de profissionais e pesquisadores, reunidos remotamente em rede sociotécnica, sujeitos a um curto espaço de tempo, nos permitiu a criação de elementos técnico-científicos para pensar e, talvez, futuramente, medir a ação do tempo, em uma operação inédita em seus fundamentos e no processo inovador da rede remota online. José Luiz Pedersoli Jr. comentou, à época, que provavelmente essa experiência teria caráter inédito no mundo acadêmico nacional e internacional.

Considerando essas experiências anteriores, limitadas no tempo ao máximo de 100 anos, fica a sugestão de que a cápsula do tempo do ICI, caso o Instituto permaneça ao longo do tempo no mesmo local, seja aberta em 23 de abril de 2160, dia e mês em que atualmente é celebrado o Dia Mundial do Livro e do Direito do Autor. Nossa expectativa é a de que possamos ver a preservação do planeta e os documentos da cápsula do tempo do ICI, 150 anos passados de sua deposição sob o solo do *Campus* de Ondina, da Universidade Federal da Bahia.

Por essa razão, a decisão do Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais (CRIDI/CNPQ/UFBA) de complementar a ideia original de profa. Lídia Toutain, concluindo-a com a edição de um livro sobre temas que nos absorveram intensamente no período, e com o relato dos encaminhamentos específicos da rede sociotécnica,

se reveste de especial importância, por dar a oportunidade de registrar para o futuro essa experiência, que contou com a participação interdisciplinar de profissionais das mais variadas formações, grande parte deles presentes como autores dos capítulos que compõem a publicação, e outros que atuaram na assistência administrativa.

Nossos agradecimentos são extensivos aos trabalhadores que atuaram diretamente nas atividades de escavo do terreno, de construção da caixa de concreto e de fixação do pedestal com a placa de lançamento da Pedra Fundamental, que demonstraram generosa atenção, paciência, força e grande capacidade de trabalho para a execução das tarefas, em tempo recorde, em dias de clima bastante chuvoso, para alcançarmos o que a Diretoria do ICI pretendia. Nosso especial agradecimento também ao prof. Albano Oliveira e ao Sr. Ariston Mascarenhas, gerente administrativo e financeiro do ICI, sem os quais nossa ação talvez não tivessem chegado a bom termo.

O espírito colaborativo de todos, a generosidade presente constantemente no curto espaço de tempo para a realização de um desafio técnico-científico, colocou-nos “em direção ao futuro, para os bons aprendizados de nossa experiência”, para usarmos as palavras da co-autora deste capítulo, propositora original da constituição dessa rede sociotécnica.

Como bem disse profa. Lídia Toutain, em uma de suas derradeiras mensagens trocadas em nossa rede, “uma idéia repercute e aproxima, une e reúne”.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. *Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2011.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 6096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm> . Acesso em: 2 maio 2011.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

COCCO, Giuseppe; SILVA, Gerando; GALVÃO; Alexander Patez (Org.). *Capitalismo cognitivo: trabalho redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CORSINI, Leonora. *A hipótese dos territórios qualificantes no trabalho com informação* InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 89–102, jul./dez. 2010.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 27–40, jan. 2002.

MARTELETO, Regina. Informação, Rede e redes sociais – fundamentos e transversalidades. *Informação & Informação*, v. 12, 2007. Número especial.